

ENTREVISTA

ARQUIVO PESSOAL



Maria Aparecida Vieira Correia

É graduada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia e Alfabetização. Entre os anos de 2008 e 2013, trabalhou na formação de professores do Ensino Fundamental - anos iniciais, tendo sido coordenadora do Centro de Referência em Alfabetização/CRA no Paranoá e Itapoã. Em 2013, atuou também como orientadora de estudos do PNAIC, onde foi cursista em 2014. Atualmente é professora alfabetizadora na Escola Classe Aspalha da Regional Plano Piloto/Cruzeiro. Nesta entrevista, realizada pela Equipe do CRAI-Paranoá, Maria Aparecida fala sobre sua trajetória como articuladora do CRA e sobre as repercussões dos dez anos de existência do Centro de Referência em Alfabetização/Anos Iniciais.

Dez anos do Centro de Referência em Alfabetização

CRAI

Quando começaram as atividades como articuladora do CRA, você tinha consciência do trabalho que iria desempenhar, ou das demandas que essa função requer?

Maria Aparecida

Eu coordenava as Equipes de Apoio à Aprendizagem na CRE Paranoá/Itapoã há 6 anos, quando em 2007, fiz um curso voltado para o Bloco Inicial de Alfabetização-BIA. Teríamos que implantar o BIA em 2008, o que foi uma surpresa para todos nós. Como eu tinha feito o curso, fui convidada pela Regional para conduzir o trabalho de implantação. Eu tinha consciência do trabalho que demandava tal proposta porque fazíamos uma organização similar, enquanto coordenadora das equipes. O CRA se organizava em polos, as equipes também. Em sua formatação, as equipes tinham 800 alunos para um pedagogo. Nós não tínhamos profissionais suficientes. A organização em polos tinha como objetivo viabilizar o acolhimento das demandas apresentadas, pois, além do atendimento, éramos responsáveis também por 3 ou 4 escolas. Então, eu já entendia essa dinâmica. Naquela época não tivemos uma formação de como seria a realização do trabalho. Eu acho legal essa liberdade! Você poder realizar seu trabalho de acordo com a sua realidade. Atendíamos também as escolas rurais. Na época o CRA era formado por cinco articuladoras. Iniciamos os trabalhos com três, depois entraram mais duas completando o grupo. Cada articuladora ficou responsável por atender 40 turmas. Depois passaram para 25 turmas por causa do PNAIC. A EAPE passou a oferecer cursos de formação para os articuladores. Dois anos depois a UNB ofereceu um curso de formação. Tudo era muito complexo! Para organizar o trabalho pedagógico do CRA optamos por coordenações quinzenais com os coordenadores locais e mensais com todos os professores do bloco, porém, o convite era estendido a todos os professores. Realizávamos muitas oficinas e estudos. Cada oficina atendia 40 professores. Essas iniciativas eram organizadas pelo próprio grupo do CRA Paranoá. Não existia um direcionamento sobre a demanda de estudos. No restante do tempo estávamos nas escolas atendendo as demandas de cada localidade. Desde o início dividíamos o grupo em zona rural e urbana, com o objetivo de atender as duas realidades. O polo da Zona Rural era na Escola Classe Café sem Troco. Uma vez por mês tínhamos um encontro com o nível central, que nos

oportunizava trocar experiências com as outras regionais. Apesar de todas as adversidades foi muito positivo o nosso trabalho, conseguimos abrir as portas das escolas. Hoje conseguimos ter diálogo com os nossos colegas e adesão cada vez maior nas formações.

CRAI

Como foi seu ingresso como articuladora do CRA?

Maria Aparecida

Como já mencionei, fui convidada. O convite veio da Regional de Ensino, eu conhecia a dinâmica. Gosto de desafios, estava na minha área de conhecimento. Eu gosto de alfabetizar. Embora na Equipe o trabalho também estivesse relacionado com os processos de alfabetização, era mais restrito. Pensei que agora íamos mexer com as aprendizagens de todas as crianças, e de forma mais ampla. Eu achei legal e aceitei!.

CRAI

A implementação do BIA foi realizada de forma gradual e no Paranoá/Itapoã só se concretizou três anos depois da experiência piloto. Foi possível aproveitar-se dessa experiência? Ela contribuiu, de fato, para a implantação do CRA no Paranoá?

Maria Aparecida

Tivemos muita ajuda porque buscávamos. Tínhamos desespero por não saber executar a implantação do Bloco. Corremos atrás. As articuladoras da Ceilândia foram excelentes colaboradoras. Iamos inicialmente para Ceilândia estudar com o grupo, quinzenalmente. Depois passou a ser mensal. Foi importante saber como fizeram para iniciar a implantação do Bloco. Ceilândia nos passou suas experiências. Não sei dizer se fizeram o mesmo com outras Regionais. O que posso dizer é que foram maravilhosas. Receberam o CRA Paranoá de braços abertos. Ajudaram na bibliografia a ser lida, no material que precisava ser explorado e nas experiências com os grupos. Era um grupo muito estudioso.

CRAI

Quais as maiores dificuldades que você encontrou para implantar, na regional do Paranoá, esse trabalho?



Hoje, vejo o professor como um profissional que participa, valoriza a formação e respeita as atividades propostas. Existe a troca de experiências.



Maria Aparecida

No início não tivemos um direcionamento de como seria. As incertezas nos preocupavam. Tivemos que buscar auxílio em outras Regionais. Ceilândia e Taguatinga deram-nos a oportunidade de assistirmos as palestras e os momentos de estudos que eles promoviam. Nós não tínhamos os contatos de profissionais que pudessem colaborar com palestras e discussões neste início de formação. Iamos a estas Regionais para participar dos grupos de estudos. Trouxemos várias pessoas para dialogar com nossos professores. Então, com base nas experiências de Ceilândia e Taguatinga tomamos o nosso caminho. Sabíamos o que tinha dado certo e o que precisava ser redirecionado. Esse conhecimento facilitou a implantação do BIA na Regional do Paranoá. O Bloco trazia uma nova forma de trabalhar. Uma condução até então desconhecida pelo professor. Tudo que é desconhecido causa receio. Essa situação trouxe resistência por parte dos professores. Professores com 20, 30 anos de trabalho, alfabetizando da mesma forma. Diante do grupo, eles deviam pensar: quem éramos nós? Quem são vocês para falar de alfabetização? Estávamos diante de um grupo com anos de práticas “errôneas” que se prolongavam incessantemente. Sabemos que a vida de um professor não é fácil. Hoje estou como professora alfabetizadora do 2º ano e continuo estudando. Estou fazendo matérias na UnB, como aluna especial do Mestrado. A despeito de todas as dificuldades que a regional apresentava – como a falta de salas de aula e o excesso de alunos por turma –, o professor esteve presente nas formações, e a resistência inicial hoje está com uma minoria.

CRAI

Depois de dez anos da implantação dos CRA no DF e sete anos no Paranoá, essa experiência continua sendo um desafio para todos nós. Como você vê a repercussão desse trabalho no Paranoá e no DF?

Maria Aparecida

Como sempre, eu acredito. Acredito tanto no potencial do professor como no do aluno. No Paranoá temos muitos professores com potencial. É um professor lutador, com garra. Nem sempre conseguimos tudo. Não conseguimos resolver todos os problemas. Quando o professor passou a ver o trabalho realizado pelo CRA, os articuladores dentro das escolas fazendo parte da vida deles, tendo uma escuta sensível, iniciou-se uma mudança. Hoje, vejo o professor como um profissional que participa, valoriza a formação e respeita as atividades propostas. Existe a troca de experiências. A organização do CRA foi uma ideia maravilhosa, uma política pública excelente! Já se passaram 10 anos, parabéns!! Em todas as regionais que visitei, o trabalho que o CRA realiza é valorizado e reconhecido. Se analisarmos o CRA, teremos um movimento jovem, de 10 anos e, com tantos resultados positivos: a oportunidade de estar com o outro; as estratégias de atendimento às individualidades do aluno; a valorização do trabalho nas escolas rurais com a formação no campo e na zona urbana; o olhar diferenciado dos grupos a ajuda mútua e a redução da resistência. Assim o trabalho se tornou solidário, pois o Bloco solidificou essas relações e entendimentos. O aluno não é só meu. Hoje o nosso colega tem outro olhar sobre o Bloco, sobre o CRA.

CRAI

Como você vê a mudança de CRA para CRAI? Na sua perspectiva, quais as implicações dessa mudança?

Maria Aparecida

Primeiro, quero parabenizar a todos pela luta. Desde 2008, temos lutado para incluir o professor de 4º e 5º anos, eles ficaram à margem de todo esse processo e sabemos que, até hoje, muitas crianças avançam sem estarem alfabetizadas. Os professores ficavam sem formação, sem o acompanhamento pedagógico necessário. Percebo que eles estavam ansiosos por um auxílio de

fora dos muros da escola. Então, essa é uma luta antiga, e que nós do Paranoá iniciamos em 2008, junto com a implantação do BIA. Naquela época, a coordenadora dos anos iniciais participava dos grupos de estudo, das reuniões de formação e oficinas. Os professores eram convidados. Existia uma adesão muito boa. Apesar de o foco ser a alfabetização nos primeiros anos, os professores se sentiam pertencentes àquela organização. A mudança do CRA para CRAI é o reconhecimento desse trabalho consolidado, é o resultado de muito esforço de todos. Poderia ter acontecido antes, porque já estávamos trabalhando nessa perspectiva de atendimento aos anos iniciais, desde o início do PNAIC.

CRAI

Tendo em vista sua larga experiência como articuladora, que orientações você daria hoje, para otimizar o trabalho do CRAI?

Maria Aparecida

São muitas coisas que podem e devem melhorar. Uma delas eu já falei: ser humilde e ouvir o professor! Eles merecem respeito. O que acontece conosco? Temos uma demanda enorme de trabalho. Temos que dar conta de tudo que é encaminhado. Quando chegamos ao professor, queremos levar a coisa pronta, não dando qualquer tempo para ouvi-lo. Acredito que muitas vezes para o professor é muito mais válido ouvirem o que ele precisa dizer, quais ansiedades tem, do que receber informações. As informações só chegarão com o objetivo que queremos se forem internalizadas. Necessitam ser refletidas para serem colocadas em ação. Então, estudar, ter formações é muito necessário. Ninguém consegue fazer um trabalho se não houver estudo. Não adianta sem estudar. Tem muita coisa nova acontecendo. Descobrimos a cada dia que não sabemos nada. “Só sei que nada sei”, já dizia o antigo filósofo grego, Sócrates. Quando nos aprofundamos nos estudos, percebemos que necessitamos estudar mais. Realizar visitas às escolas, ficar junto ao professor é muito importante. É preciso saber ser companheiro! Eles têm que

entender que estamos juntos. Temos ganhado muito com as formações realizadas pela UnB. Tem oportunizado boas situações de reflexão sobre o trabalho pedagógico.

CRAI

Hoje você está em sala de aula. Como você percebe o trabalho do CRAI e o que sugere enquanto professora?

Maria Aparecida

Antes de falar sobre a escola, quero dar meu depoimento enquanto professora, o quanto essa situação mudou a minha vida. Com o retorno para a sala de aula, o que mudou? Quando estamos juntos com as crianças vemos melhor o resultado. É muito rápido. Quando você está trabalhando com o professor, é ele o elo que vai levar para a sala de aula. É diferente! O meu olhar para a criança mudou! O que cada criança precisa naquele momento, para aprender? Esse entendimento não é fácil para o professor. Ele sempre espera uma turma homogênea, e isso, não é a realidade, pois todas as turmas são heterogêneas. Até mesmo o reagrupamento e o projeto interventivo tem que ser planejado para atender às diversidades, porque é concebido para atender às diferenças. Portanto, meu trabalho com minha turma é um trabalho difícil. Atender cada criança nas suas individualidades é trabalhoso! No entanto, a criança que é atendida em suas



Muitos profissionais da escola já se percebem responsáveis pelos processos de aprendizagens, o que favorece muito o nosso trabalho. Existe o processo de discussão coletiva, todos participam nas decisões. Sinto que quem ainda resiste às estratégias do BIA é devido a algum fator limitante adquirido em seu processo de profissionalização.



individualidades aprende muito mais rapidamente! Quanto à escola, melhorou muito, pois não somos mais solitários! Eu não tenho que responder sozinha por 30 crianças, no final do ano. Já há o entendimento de que todo o coletivo da escola é coparticipante dessa jornada escolar. A direção sabe sobre meus alunos, seus avanços e fragilidades. Nos momentos de reuniões coletivas, individuais e nos Conselhos de Classe sinalizamos nossas necessidades de ajuda, de colaboração por parte do grupo. Pedimos ajuda e conseguimos ajuda! Já se percebe por parte do grupo esse aspecto solidário. Muitos profissionais da escola já se percebem responsáveis pelos processos de aprendizagens, o que favorece muito o nosso trabalho. Existe o processo de discussão coletiva, todos participam nas decisões. Sinto que quem ainda resiste às estratégias do BIA é devido a algum fator limitante adquirido em seu processo de profissionalização.

CRAI

O CRA/CRAI está completando dez anos. Que mensagem você deixaria para os articuladores que estão atuando neste momento?

Maria Aparecida

Que todos tenham muita força, muita disponibilidade, muito amor pela profissão de professor. Acredito que o processo está dando certo. O professor e a direção necessitam muito desse atendimento do CRAI. A troca com o outro propicia ensinar e aprender. Desejo que todos entendam que se não houver amor à profissão todos sofrerão muito, até a aposentadoria. Acreditem em suas capacidades: todos somos capazes, professores e crianças. E vivam outras coisas: família, amigos, para não adoecer. O BIA tem dado resultados muito significativos! Prova disso é a ampliação do CRA para a nova concepção de CRAI (atendimento aos anos iniciais, do 1º ao 5º ano). Vindo depois de 10 anos, mas contemplando os professores de 4º e 5º anos. Agora, seremos uma equipe grande, coisa boa! Vozes que serão ouvidas. Sabemos o que é necessário! Somos todos alfabetizadores. Tenhamos muita coragem e acredito que dará certo! ■